



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Cidades, Campos e Territórios

DEMOLIÇÃO EM CONTEXTO URBANO: APAGAMENTO OU REFORÇO DA MEMÓRIA?

FERREIRA, Joana Pedro

Doutoranda em Sociologia pela FE-UC, docente da Escola Universitária Vasco da Gama

joanaferreira@euvg.pt

Resumo

Convencionalmente a demolição é pensada como um acto destruidor e menos vezes encarada como um processo que pode permitir o renascimento de um espaço moribundo. Nesse sentido, a demolição pode ser uma forma de fazer cidade, marcar um fim ou um princípio. Pode promover o apagamento de memórias, tal como pode despertá-las. Encarada desta forma, a demolição pode afigurar-se um fascinante e complexo fenómeno, tão eclético quanto ambíguo.

Este ensaio pretende salientar a demolição como mais do que como acto técnico. Pretende afirmá-lo enquanto acto cultural e social. O objectivo principal é salientar a forma como o seu papel pode ser preponderante no reforço da memória, na medida em que o apagamento material que provoca pode revitalizar a lembrança, presença imaterial que confere uma “aura” de nostalgia e saudosismo à memória de um edifício desaparecido.

Após uma abordagem inicial essencialmente teórica sobre a demolição enquanto acto dinamizador da memória, materializamos, numa segunda fase, os argumentos defendidos, através da análise à reacção pública num caso concreto. Os rumores da demolição de um edifício que “jazia”, inactivo há vários anos, geraram uma onda de oposição na cidade de S.ta Comba Dão. Em consequência, o saudosismo e a nostalgia mantiveram-se e prolongam-se até hoje. Um fenómeno de personificação do património construído, essencialmente plasmado na imprensa local, em torno de um edifício de cuja forma original, bem vistas as coisas, já muito pouco restava.

Abstract

Demolition is conventionally remembered as an act of destruction and less oftently seen as a process that can allow the rebirth of a dying urban area. Having this in consideration, demolition may be seen as a mean to construct a city, setting an end or a beginning. It can promote the erasure of memories, as much as it may awake them. From this perspective, demolition may be seen as a fascinating and complex phenomenon, as eclectic as ambiguous.

This essay aims to highlight demolition as more as a technique. Intends to define it as a social and cultural act. The main purpose is to point out how its role may be preponderant in enhancing memories, considering that erasure can revive memories, an intangible presence that gives an "aura" of nostalgia and longing to the memory of a disappeared building.

Starting with a theoretical approach, about the demolition as a mean to activate memories, this essay evolves, in a second stage to an analysis of the public reaction to a specific case. Rumors of demolition of a building that "layed" inactive for several years, developed a wave of protests in the city of S.ta Comba Dao. Consequently, its nostalgia remains until the present. A phenomenon of personification of the built heritage, shaped mainly in the local press around a building whose from the original form, little was left.

Palavras-chave: demolição; memória; nostalgia; património material; património imaterial

Keywords: demolition, memory, nostalgia, material heritage; immaterial heritage

Dicotomias da Demolição em contexto urbano:

Apagamento ou reforço da lembrança?

“Suponhamos assim, que as cidades, assim como os cemitérios, podem ser profícuas hospedarias de fantasmas. Posto que [os edifícios] já não existem mais concretamente sobre a malha urbana das cidades, os [seus] fantasmas dependem inteiramente dos artificios de memória elaborados por aqueles que lhes dão vida.”
(Goyena, 2010)

Introdução

O presente ensaio pretende salientar a demolição, mais do que um mero acto técnico num qualquer processo de requalificação urbana, enquanto acto cultural e social. Pretende-se explicar de que forma pode o seu papel ser preponderante no reforço da memória, na medida em que o apagamento material que provoca em determinadas construções “adormecidas” nas cidades pode, por outro lado, revitalizar a sua lembrança, conferindo-lhes uma “aura” de nostalgia e saudosismo.

Para isso, faremos uma abordagem inicial de índole predominantemente teórica, debruçando-nos sobre a demolição, genericamente falando, enquanto acto dinamizador da memória. Numa segunda fase analisaremos, de forma breve, os argumentos defendidos, através da análise à reacção pública em torno de uma intervenção arquitectónica levada a cabo em 2005, em Santa Comba Dão - “O Engenho”. No centro da cidade, após anos inactivo, os rumores da demolição geraram uma onda de saudosismo e nostalgia que parece manter-se até hoje, em torno de um edifício de cuja forma original, bem vistas as coisas, já pouco restava.

A Demolição enquanto fenómeno complexo de lembrança e esquecimento, do tangível e do intangível

Convencionalmente pensamos na demolição como um acto destruidor e raramente a encaramos liminarmente como um processo que pode permitir o renascimento de um espaço moribundo. Nesse sentido, a demolição pode ser uma forma de fazer cidade. Mas pode ser mais do que isso. Pode ser um mecanismo que promove o apagamento de memórias repressivas. Mas também pode despertá-las. Pode anunciar um fim, tanto quanto pode marcar um princípio. Encarado desta forma, o acto da demolição pode tornar-se, em si, um fascinante e complexo fenómeno, tão ecléctico quanto ambíguo.

A dualidade de Fim e Princípio é, efectivamente, uma constante em todas as intervenções demolidoras. Porque se demolição significa o fim de alguma coisa, significa, naturalmente, o princípio de outra. Mesmo que do vazio. As mudanças de Regime Político são, a esse nível, paradigmáticas, uma vez que se apresentam propícias às destruições significativas (Veschambre, 2008), que mais não são do que a demarcação de territórios de poder. Surgem como a demarcação do fim de uma época e o princípio de outra, geralmente pautada por novas

construções, no lugar das anteriores, como forma de apagar a memória existente (Veschambre, 2008).

Mas se, de facto, um edifício pode ser destruído e desaparecer, materialmente falando, tal não implica que caia no esquecimento. Pelo contrário, pode não só ser lembrado por tempo indefinido como, pelo facto de ter remanescido apenas na memória, ver-se conferido de uma *patine* de nostalgia. (Goyena, 2010). Afinal, não é possível desagregar um edifício da sua história, ou das representações sociais que possa sustentar.

Neste sentido, um dos factores que parece determinante na continuidade da história de um edifício que tenha chegado a um impasse, é precisamente a sua hipotética demolição: de que forma é levada a cabo? É anunciada e celebrada? Ou é rápida e despercebida? A história está cheia de exemplos onde se assumem diferentes atitudes, com diferentes resultados. Pensemos, por exemplo, na demolição de edifícios parcialmente destruídos em cenário de pós guerra, rapidamente repostos por edifícios iguaisⁱ. Neste cenário, a demolição parece demonstrar uma tentativa de recomeçar a vida no ponto em que sofreu a convulsão, como forma de apagar um momento indesejável. Como forma material de aniquilar um episódio da história, cuja memória se pretende mitigada uma vez terminadas as gerações que o experienciaram directamente. Pensemos também nos relatos de apagamento das memórias industriais, na era pós industrial.ⁱⁱ Verificamos que, neste caso, a demolição serviu os interesses políticos para apagar uma imagem obsoleta da cidade, permitindo a criação de uma nova imagem contemporânea, de progresso e inovação. Pensemos ainda em casos concretos que marcaram a história. Como a queda do Muro de Berlim. Um exemplo paradigmático de como a demolição apaga materialmente uma construção, mas cujo acto, por ter sido celebrado, perpetua o significado do antes e do depois, numa marca indelével de uma história que não se pretende apagada. Poderemos, ainda a este respeito, mencionar, em termos nacionais, o caso do edifício da PIDE, em Lisboa, cuja demolição proporcionou a criação do movimento cívico “Não Apaguem a Memória”.ⁱⁱⁱ Em suma, estamos perante quatro exemplos em que a demolição está associada à memória, à lembrança ou ao esquecimento, e onde a atitude tomada no momento do acto, em si, foi determinante no sentimento que, entretanto, se desenvolveu em torno do espaço. Apagamentos desejados, apagamentos celebrados ou apagamentos impostos, que demonstram que se a demolição destrói, inevitavelmente o que é tangível, nem sempre consegue o mesmo efeito sobre o intangível.

Esta constatação parece reforçar a ideia de que nas tomadas de decisão, a questão social não poderá estar, jamais, fora da equação. “*É preciso encontrar o equilíbrio entre a obsessão pelo passado e as tentativas de imposição do esquecimento [ou da inovação].*” (Araújo e Santos, 2007) Até porque, como defende Baudrillard (1998) “*quando o real já não é o que costumava ser, a nostalgia assume-se no verdadeiro sentido. Há uma proliferação de mitos de origem, e signos de realidade, de verdade, objectividade e autenticidade em segunda mão. (...) uma estratégia de real, neo real e hiper real(...).*” E como diz Goyena (2010a), *é certamente graças à demolição de um edifício que se poderá contar, de outros modos, novas histórias a seu respeito. Aquilo que as suas paredes esconderam, os seus tabus, ou as imagens proibidas do seu interior encontram mesmo, aquando deste ritual de passagem, uma renovada presença no imaginário daqueles que foram, mais ou menos directamente, afectados pelo caso*”.

O Engenho: edifício apagado, edifício lembrado

O Engenho é (era) originalmente, como o próprio nome indica, uma estrutura cuja função era, quando colocada em funcionamento com o apoio da força animal, recolher a água de um poço. Desconhecemos exactamente a que data remontará este engenho, o Engenho.



Imagem 1- o Engenho, vista frontal (cortesia Foto Ribeiro)

Reconhecemos, porém, que, quer pela técnica, quer pela arte da sua construção, será certamente centenário. Desconhecemos ainda que motivos teriam levado à sua desactivação e posterior conversão em café e escritório (de um stand de automóveis adjacente) no final dos anos 70.



Imagem 2: o Engenho, vista lateral (cortesia Foto Ribeiro)

Com efeito, perdendo a sua função original, o Engenho foi, nessa altura, readaptado. O poço foi tapado, e o cilindro em granito foi dividido em dois pisos:



Imagem 3- o Engenho, vista de tardoz (imagem da autora)

- No piso inferior foi instalado um café, rústico, com um balcão circular e, como única fonte de iluminação natural, a porta de entrada, quando aberta, e uma pequena janela ligeiramente acima.

- No piso superior foi colocada uma cobertura cónica, em chapa, e encerrado com caixilharia de alumínio e vidro. Num autocolante afixado num desses vidros, lia-se, a uma distância considerável, “TOYOTA”, não deixando margem para dúvidas acerca da actividade que ali se desenvolvia. No entorno do Engenho o chão foi cimentado e cravado, pontualmente, de sobras de granito em placas. Na parte frontal, construíram-se muretes com o mesmo acabamento, ornamentados com correntes de ferro, e na parte posterior foi construído um muro rebocado, em cimento, parcialmente pintado a branco. A estrutura de ferro original manteve-se, lentamente corroída pelo tempo.

Depois dos anos 80, o Engenho foi sendo, progressivamente, votado ao abandono. O café só abria no Verão e nas horas de paragem do “Expresso”; o stand fechou e, na primeira metade dos anos 90, o edifício estava totalmente inactivo, como que num intervalo.

Sendo a sua localização no centro urbano de Santa Comba Dão, com uma grande frente confinante com a avenida principal (Av. General Humberto Delgado), o espaço era, por definição, expectante. Uma intervenção imobiliária no terreno adjacente deu, naturalmente, o impulso que faltava para o surgimento de uma proposta de reocupação daquele espaço. Consumia-se, nesta altura, o último trimestre de 2004.

O rumor correu e as reacções não se fizeram esperar. As conversas de café e das tertúlias habituais não há como documentar. Mas alguns dos ecos ficaram registados, nomeadamente no semanário local, o “Defesa da Beira”. Os seus conteúdos permitem-nos analisar o sentimento geral da população, na altura, acerca da temática.

O primeiro registo que se encontra é de Carlos Ribeiro. Septuagenário, fotógrafo, colaborador regular do “Defesa da Beira”, é geralmente autor de artigos associados a memórias da Vila, habitualmente suportados por fotografias de arquivo. É muitas vezes porta-voz de terceiros, que lhe oferecem sugestões.

A 1 de Abril de 2005, de forma quase lacónica, Carlos Ribeiro informa

“O Engenho, mais conhecido por café do Engenho (...) vai desaparecer. (...) Sinais dos tempos modernos, pois todo aquele conjunto histórico vai desaparecer com alguma nostalgia, para ali ser implantada uma nova construção, a condizer com a época actual. Mais um vestígio do passado que DESAPARECE. (...)”^{iv}

Este mesmo autor refere-se, uns meses mais tarde, ao “defunto ENGENHO”, num artigo que não está directamente relacionado com o edifício.^v

No mês seguinte, é a vez de Manuel Romão. Octogenário na altura, foi proprietário de uma oficina de reparação de motociclos. Colaborador regular do “Defesa da Beira”, com artigos de índole predominantemente poética ou religiosa e manifestava-se, então, desta forma sobre a demolição do Engenho:

“Com o lenço branco te digo adeus | Bem apertado na minha mão | A mão criminosa que te vitimou | Nunca merece ter perdão (...) Eras uma obra secular | merecias bem o nosso respeito | os ambiciosos não se arrependem | Mesmo depois do mal terem

feito (...) Já te mataram, já não existes | Minha memória te acompanhará | Onde fiques ou p'ra onde fores | Um dia te porei na cova | Um raminho de flores (...)^{vi}

Por esta altura já se faziam também sentir ecos do outro lado do Atlântico. António Neves – Quinquagenário, ex-professor de matemática, actualmente radicado em São Paulo, mantém activo um blog onde, à distância, demonstrou manter-se actualizado acerca dos acontecimentos da sua terra:

“(...) nos recordou um verdadeiro assassinato cometido na nossa santa terrinha e nos levou mais uma vez a questionar como é que a moderna engenharia não teve engenho nem arte para poupar o Centenário Engenho da nossa Santa Comba Dão.(...)”^{vii}

Pouco tempo depois, Manuel Romão volta a escrever sobre o assunto, desta vez em prosa:

“(...) uma linda fotografia tal como era esse mártir engenho (...) obra prima onde a mão dum rude artista primou pelo gosto e pelo formato que lhe deu (...) Obra tão digna e tão merecedora de figurar no nº dos monumentos históricos desta cidade (...) arte rude mas briosa. (...) Ao recordar vêm as lágrimas dum tempo passado que não volta mais. (...) São poucos os briosos que ainda hoje protestam contra a destruição de coisas que revelam a identidade do homem na sociedade (...) É o recordar do martirizado Engenho que nada mais deixa do que saudades e recordações.”^{viii}

E foi este artigo que deu o mote a David Oliveira para se pronunciar sobre a matéria. Também ele octogenário, correu o país vários anos com um cinema itinerante. Tornou-se autor regular de artigos *críticos*, chamando geralmente a atenção aos autarcas, aos dirigentes desportivos locais e à comunidade em geral:

“ (...) com a foto do referido martirizado Engenho, que foi eclipsado, passando à história de inúmeros casos que o progresso não perdoa (...) que deu lugar à construção predial com fins comerciais (...) até ao ponto em que se situava o evaporado Engenho. (...)”^{ix}

Entretanto, um espaço temporal de 2 anos sem que qualquer artigo versasse sobre o tema fazia crer que o assunto tinha, finalmente, caído no esquecimento. O engenho tinha sido demolido, o edifício de habitação colectiva estava concluído e a funcionar. A história do espaço estava reescrita e quem não conhece, não lhe adivinha a história. Porém, no início de 2008, Manuel Romão retorna ao assunto:

“Lá no alto simbolizavam os teus ferros | Carcomidos pelo tempo | E pelos anos que já passaram, em que | o tempo se curva a teus pés | Eu gostava de te ver como eras | E não, como o nada, que hoje és. (...) Lembra-me aquela viela estreita e escura | Que tantas vezes eu nela passava | Acenava a mão ao velhinho Engenho | E mais abaixo, ia dar um beijo | À mulher que tanto amava. (...) Foram as máquinas, e foi o homem | E foram as mãos criminosas, a faltar à verdade | Foi a tua destruição total | Que te levaram à eternidade (...).”^x

E três meses depois volta a recordar o Engenho, bem vivo na sua memória:

“Ó meu velhinho Engenho!... tal é a saudade de nos abraçarmos!... Foste crucificado como Cristo. (...) Ao recordar a tua imagem, é difícil acreditar como no mundo se praticam crimes imperdoáveis como foi aquela que te roubou a vida para sempre. (...) Velhinho engenho, amaldiçoado seja quem te tirou do teu trono, esse lindo pedestal, ainda hoje recordado por quem ama a sua terra (...).”^{xi}

Também Esmeralda Antas, (sexagenária, professora) tentou reavivar o assunto mais tarde, escrevendo “*Descubra as diferenças*”, um pequeno artigo de conteúdo implícito, com imagens do antes e do depois, sobre o “*bom e mau gosto*” e as “*boas ou más soluções*”.^{xii}

A memória prevalece e, em 2010, António Santos (42 anos, administrativo) publica, na sua página de *Facebook*, imagens do Engenho, sob o título “Saudades do que desapareceu”. Inês Matos (34 anos, jurista) comenta: “*Que saudades! Não é que esteja pior agora mas bate sempre uma saudade... Recorda-me o meu tempo de miúda, quando passava e os meus pais me deixavam ir comprar um gelado...*”

Será talvez importante sublinhar o facto de, entre as reacções citadas, haver pessoas de todas as idades (entre os 30 e os 80 anos), de ambos os sexos, e com vários níveis de escolaridade. Parece, de alguma forma, confirmar a ideia empírica de que os sentimentos despertados pelo Engenho e pela sua demolição são, de forma mais ou menos consistente, transversais à população da Vila.

“Se, como coloca o arquitecto e historiador Adrián Gorelik, a identificação cidadã com um determinado edifício ou plano se obtém por intermédio de uma longuíssima sedimentação histórico-cultural, do mesmo modo, creio poder-se supor que sua demolição nem sempre será suficiente para apagar estes vínculos de identidade tão demoradamente construídos. Podendo inclusive, e paradoxalmente, vir a reforçá-los. Quando uma demolição gera este tipo de efeito, (...) percebe-se que, de facto, há mais elementos presentes numa edificação do que a soma de matéria organizada que a compõe. Mas ocorre com frequência que estes laços só sejam recuperados ou até mesmo (re)elaborados a posteriori (...).”

No texto de onde esta citação é retirada, Goyena (2010) refere-se a “fantasmas”, edifícios materialmente desaparecidos no Rio de Janeiro que, permanecem no “imaginário carioca”. O seu conteúdo é, todavia, perfeitamente adequado ao exemplo analisado. O engenho era, há anos, um espaço urbano “suspense”. Um edifício adaptado, híbrido^{xiii}, desactivado, para onde já ninguém olhava, realmente. O acto da sua demolição personificou-o, permitindo-lhe que, após a sua morte, o seu “*fantasma*” permanecesse no local. É, de resto, fácil encontrar nos discursos citados, palavras-chave que o demonstram. Primeiro sobre o Engenho, descrito como “velhinho”, “conjunto histórico”, “obra secular” e “obra-prima” que deixa, em todos, “saudades”, “nostalgia” e “recordações”. Depois sobre o acto *infligido* sobre ele sendo, nesta fase, descrito como “defunto”, “assassinado”, “eclipsado”, “evaporado”, “crucificado”. Aos actores referem-se como “os ambiciosos”, “a mão criminosa”, perpetradora de “crimes imperdoáveis” com a “máquina assassina”.

Sendo uma propriedade privada, os actores responsáveis pela demolição não parecem ter sentido a necessidade de encetar um discurso legitimador. Não encontramos, aliás, nenhum documento manifestamente defensor da intervenção. Até porque os interesses políticos eram favoráveis e as vozes da sociedade eram de protesto, de saudosismo e de nostalgia, sim, mas também da convencional resignação popular de quem *sabe* que o capital tudo pode e tudo supera. Facto é que, seis anos após a sua demolição, a referência icónica permanece.

Conclusão

Neste ensaio pretendemos salientar o lado cultural e social da demolição, confirmando a sua complexidade, muito para além do acto técnico.

Tentámos, numa primeira fase, explicar de que forma o seu acto pode ser preponderante, em contextos de apagamento ou de reforço da memória, e demonstrar que, se em termos tangíveis, é

certo que ela suprime os vestígios da história, no que é intangível, os efeitos não são tão previsíveis. Afinal, a demolição pode levar ao apagamento da memória, mas pode também reforçá-la, ou permitir a sua manipulação pelo tempo e pela história que, de boca em boca, vai *dourando* uma realidade passada, evocando o que interessa e omitindo o que não se pretende perpetuar. Distinguimos também a diferença entre apagamentos desejados, apagamentos celebrados e apagamentos impostos, salientando a importância da forma como se encara o momento da demolição, como sendo determinante nas reacções e representações sociais posteriores, perante o espaço.

Numa segunda fase, apresentámos o exemplo concreto de um edifício em contexto urbano, há anos num impasse, cuja iminente demolição trouxe de volta ao discurso da população, personificando-o e prolongando a sua memória no imaginário local, mesmo após o seu desaparecimento material.

Enfim, parece-nos que, também neste caso, a demolição pode ser encarada como uma expressão de poder, já que parece ter havido alguma indiferença às representações sociais da comunidade local. Porém, a demolição não funcionou aqui, em termos de reapropriação simbólica do espaço (Veschambre, 2008), uma vez que ele mantém a mesma denominação icónica, mesmo que sem vestígios materiais que o justifiquem.

Fica, no entanto, por apurar se, aquando da sua conversão para espaço comercial, nos anos 60 - 70, a intervenção teria já sido alvo de tão duras críticas. Afinal, há que reconhecer que, antes da derradeira demolição, já muito pouco restava de engenho no Engenho.



Imagem 4 - o Engenho, na actualidade. (Imagem da Autora)

Bibliografia:

Araújo, Maria Paula Nascimento e Myrian Sepúlveda dos Santos. “História, memória e esquecimento: implicações políticas.” Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 79 Dezembro de 2007: 95-111.

Balibrea, Maripaz. “Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial.” Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 67 2003: 31-54.

Baudrillard, Jean. “Simulacra and Simulations.” Baudrillard, Jean. Selected Writings. Stanford University Press, 1998. 166-184.

Berman, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico (trad.). Lisboa: Difel, 1989.

Fortuna, Carlos. “Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico.” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63 (2002): 123-148.

Goyena, Alberto. “Coleccionando fantasmas urbanos: o lugar de edificios demolidos no imaginário carioca.” 33º Encontro Anual da Anpocs. Rio de Janeiro, 2010.

—. “Rituais Urbanos de Despedida, reflexões sobre procedimentos de demolição e práticas de colecionamento.” 2º Seminário Internacional, Museografia, e Arquitectura de Museus, Identidades e Comunicação. Praia Vermelha - Rio de Janeiro, 2010.

Lofland, Lyn. *The Public Realm - Exploring the city's quintessential social territory*. New York: 1998, 1998.

Muga, Henrique. *Psicologia da Arquitectura*. 2ª. Canelas: Gailivro, 2005.

Sato, Alberto. “Demolição e Clausura.” *ARQ. Ensayos y Documentos* Março de 2005: 59-61.

Silva, Isabel Pato e. “Da experiência urbana à construção identitária dos lugares.” *Finisterra*, XLI, 81 (2006): 171-188.

Sudjic, Deyan. *The Edifice Complex*. 2005.

Veschambres, Vincent. “Norois , 195 | 2005/2.” 8 de Agosto de 2008. Le recyclage urbain, entre démolition et patrimonialisation: enjeux d'appropriation symbolique de l'espace. 5 de Abril de 2011 <<http://norois.revues.org/index548.html>>.

Periódicos:

- Jornal “Defesa da Beira” de 1 de Abril de 2005
- Jornal “Defesa da Beira” de 9 de Dezembro de 2005
- Jornal “Defesa da Beira” de 20 de Maio de 2005
- Jornal “Defesa da Beira” de 12 de Novembro de 2005
- Jornal “Defesa da Beira” de 23 de Dezembro de 2005
- Jornal “Defesa da Beira” de 6 de Janeiro de 2006
- Jornal “Defesa da Beira” de 18 de Janeiro de 2008
- Jornal “Defesa da Beira” de 4 de Abril de 2008
- Jornal “Defesa da Beira” de 14 de Março de 2008

Sítios de Internet:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| ▪ http://vozdoseven.blogs.sapo.pt/ | Consultado em 6 de Abril de 2011 |
| ▪ http://maismemoria.org/mm/home/ | Consultado em 2 de Julho de 2011 |
| ▪ http://www.faceboook.com | Consultado em 12 de Julho de 2011 |

Anexo 1

01/04/2005



**Mais um ex-libris
que desaparece**



O Engenho, mais conhecido por Caté do Engenho, defronte ao Centro Comercial, na Av. General Humberto Delgado, vai desaparecer.

De construção em granito e muito antiga, ali existia um poço e um engenho, de que hoje apenas existem vestígios, onde um boi levava dias a movê-lo para tirar água que regava toda aquela quinta.

Sinais dos tempos modernos, pois todo aquele conjunto histórico vai desaparecer com alguma nostalgia, para ali ser implantada uma nova construção, a condizer com a época actual.

Mais um vestígio do passado que DESAPARECE.

Sinais dos tempos...

Carlos Ribeiro

Anexo 2

DEFESA DA BEIRA

COM

**Adeus meu
velhinho
engenho**

Com o tempo branco te digo adeus
Bem apertado na minha mão
A mão criminosa que te vitimou
Nunca mereas ter perdão

Reclamei tanto como outros
Reclamações todas em vão
Porque veio a máquina assassina
Abrir a cova pró teu caixão

A assinatura dum papel
Veio ditar a tua sorte
Os ambiciosos não mais te largaram
E te destruíram até à morte

Foi um crime bárbaro sem sangue
De que nesta terra não há memória
O teu nome não será esquecido
E ficarás para sempre na nossa história

Eras uma obra secular
Merecias bem o nosso respeito
Os ambiciosos não se arrependem
Mesmo depois do mal terem feito

A ambição derruba tudo
Debaixo da ironia e maldade
É triste recordarmó-nos de ti
É uma vergonha p'ra nossa cidade.

Eu critico e tenho razão
E não me devem levar a mal
Tu fazias parte integrante
Do nosso património cultural

Já te mataram, já não existes
Minha memória te acompanhará
Onde fiques ou p'ra onde fores
Um dia te porei na cova
Um raminho de flores.

Estou sempre pensando em ti
E nunca se me esgota a memória
Eras aroso e tinhas perli
E fazias parte da nossa história

Manuel Romão

09/12/2005



ANOMALIAS A REPARAR

Como quase todas as pessoas sabem, aquele muro que existia na Avenida General Humberto Delgado, a partir da Alfaiataria Neves, foi deitado abaixo e nele construídos apartamentos e lojas que vão até defronte às bombas de gasolina da "Sacor", culminando agora estas obras até ao defunto "ENGENHO", que estão a decorrer.

Com estas construções foram abertos mais dois acessos, com escadas de granito, ao largo da EIRA VELHA, umas logo no início e outras mais adiante junto à Pastelaria, que entretanto foi aberta e está em pleno funcionamento.

O nosso reparo vai para a má construção da primeira escada, que além de perigosas para quem lá passa, principalmente quando chove, não foi posto um corrimão que ajude aquela subida íngreme e mal estudada.

Quanto à segunda escadaria, esta construída por outra empresa de construção, está melhor, é em parte coberta, pelo que não haverá tanto o perigo de escorregadelas e está provida de corrimão.

Mas nota-se que em ambas a limpeza deixa muito a desejar, havendo por vezes junto à Pastelaria, caixas de cartão vazias, latas já usadas e lixo.

Como as referidas escadarias são públicas, segundo julgo saber os serviços de higiene e limpeza da nossa cidade, têm obrigação de diariamente fazerem a limpeza e preservação das mesmas, tanto mais que ali naquelas escadas, diariamente passam bastantes pessoas rumo ao Cartório Notarial e é preciso que elas não fiquem mal impressionadas.

E já agora para terminar, já vai sendo tempo de se começar a reconstruir a escada que dá acesso ao respectivo largo, pelo lado da Rua Mouzinho de Albuquerque, acesso esse que como está, oferece perigo para quem lá passa, o que já chamamos à atenção e que assim ficou quando resolveram, mal, alcatroar o largo.

Carlos Ribeiro

Acreditem na verdade

Há poucos dias foi-me oferecido por um grande amigo, cuja idade não separa a nossa amizade porque somos os dois velhos, uma linda fotografia tal como era esse martirizado engenho, só com uma diferença, é que a estrada o separou do resto da quinta e alterou o caminho por onde passei milhares de vezes, umas para me encontrar com quem me era querida, outras com destino ao meu lugar de profissão. Ao olhar essa linda fotografia, recordo com grandes saudades as vezes que passei naquele meio abandonado caminho, chamado caminho do Casal e as vezes que ergui os olhos para contemplar esse símbolo duma obra prima onde a mão dum rude artista primou pelo gosto e pelo formato que lhe deu. Quantos milhares de vezes os meus olhos contemplaram essa obra tão digna e tão merecedora de figurar no nº dos monumentos históricos desta cidade, que tão poucos são, e mesmo esses poucos o homem vai destruindo porque nunca ninguém com poder mostrou vontade na preservação desse símbolo duma arte rude mas briosa, feita pelas mãos de grandes mestres que nada mais tinham do que a mactela e o cinzel para levar a cabo tão bonitas obras que nos deixaram. Ao recordar vêm as lágrimas dum tempo passado que não volta mais, e só quem se lembra das lúgubres desse condenado boi, na vida do homem. Sempre de olhos vendados, rodeando sempre à volta do mesmo ciclo, lá lá cumprindo os martírios da sua vida, e tudo são lembranças e recordações que ficam e que nos fazem aparecer nos olhos, lágrimas de saudade. O tempo vai passando, o homem vai destruindo e vão ficando lembranças e saudades, onde nada ou muito pouco deixamos aos nossos filhos e netos para recordar.

Quem quiser recordar o que é histórico e lindo é ver na mostra do fotógrafo senhor Ribeiro, obra feita com arte e com gosto que teve como seu autor Mário Ribeiro de Azevedo, que mostra como eu, o grande amor a esta terra e



comprová-lo está a fotografia tirada a uma obra digna de recordar, antes que a má sorte a fizesse desaparecer.

São poucos os brancos que ainda hoje protestam contra a destruição de coisas que revelam a identidade do homem na sociedade, preferindo antes ver construídos mamarrachos de betão armado que toda a beleza tiram em certos lugares.

O analfabetismo era parte predominante na época mas os grandes mestres conheciam bem todos os riscos traçados no papel e sabiam quantos décimos de milímetros mede um metro e a comprová-lo são as grandes obras em que as pedras não diferem um décimo uma das outras. Para prová-lo, olhai nessa mostra a beleza do que foi a obra feita por gente do passado, onde não havia grandes arquitectos ou grandes engenheiros, mas sim a rudeza dos homens que nos deixaram obras dignas do seu valor, tão mal respeitados nos dias que vivemos. É o recordar do martirizado. Engenho, que nada mais deixa do que saudades e recordações.

19/12/2005

Manuel Romão



AO CORRER DA ESFEROGRÁFICA

“ACREDITEM NA VERDADE”

Por DAVID OLIVEIRA

Este, o título do muito oportuno artigo da autoria do meu velho amigo Manuel Romão, ilustrado com a foto do referido martirizado Engenho, o qual foi eclipsado, passando à história de inúmeros casos que o progresso não perdoa, tal como este, que deu lugar à construção predial com fins comerciais, a completar a fiada urbanística que se estende desde o Largo do Balcão até à Rua do Casal, ou seja, até ao ponto em que se situava o evaporado Engenho.

Mas enfim... temos, quer se queira ou não, que aceitar as exigências que a evolução dos tempos impõe. Pois também é agradável que, ao longo desse percurso, esteja patenteado um friso de imóveis preenchidos na totalidade por vários ramos comerciais, oferecendo-nos uma nota positiva e um aspecto citadino que muito passou a valorizar a nossa bela cidade.

Mas seguindo a teoria de crítica ao desaparecimento do engenho, passo a referir-me à construção do majestoso edifício da Casa da Cultura, o qual devia ter sido erguido num outro local para não motivar praticamente o esquecimento da Casa do Povo, a qual foi das primeiras no país, por expressa vontade do distinto Santacombadense, então Ministro do Interior, Doutor Mário Pais de Sousa, e lamento também o desaparecimento dos anexos que compreendiam o ringue de patinagem e o parque infantil.

Outro caso relevante situou-se na criação do novo Estádio, que recebeu muito justamente o nome do então Presidente do Município, Dr. Orlando Mendes, sem contudo se ter desvirtuado o velho campo Dr. Estêvão de Faria que, embora muito pouco, continua a servir a modalidade futebolística, mas deixa pena que a sua utilização se limite ao futebol, pois recorro na minha juventude que, para além de ter sido jogador fervoroso nos saudosos Pinguins do Dão, cheguei a disputar a 2ª Divisão do Campeonato Nacional pelo Sport Viseu e Benfica, como também pratiquei atletismo, chegando a alcançar algumas vitórias, e tentei o ciclismo, ainda que com pouco sucesso.

Seria, pois, de louvar que se incrementassem as várias modalidades desportivas nesta nossa terra a exemplo de tempos idos, pois actualmente, a nossa, quero dizer, a vossa juventude, caracteriza-se de muito apática na prática física e saudável do DESPORTO.

OS MEUS SONHOS, E A DESILUSÃO

Tantas vezes acordo de noite
Julgando os sonhos realidade
É o sonhar na vida, é uma ilusão:
São sonhos lindos que não são verdade.

Lembra-me aquela viela estreita e escura
Que tantas vezes eu nela passava
Acenava a mão ao velhinho Engenho
E mais a baixo, ia dar um beijo,
À mulher que tanto amava.

Ao meio daquela viela escura
Era a casinha onde ela morava
Eu sentia-me feliz como Deus no Céu
Quando à noite com ela falava.

Vuela estreitinha e escura
Onde passava com gosto no meu
desempenho
Nunca passava sem falar um pouco
Com aquele velhinho, e amigo Engenho.

Eras um castelo altaneiro
Com pedrinhas sobre pedras
Quem me dera ver-te agora
Altaneiro como eras.

Lá no alto simbolizavam os teus ferros
Carcomidos pelo tempo
E pelos anos que já passaram, em que o
tempo se curva a teus pés
Eu gostava de te ver como eras
E não, como o nada, que hoje és.

Foste um símbolo histórico nesse lugar
E o teu nome agraciado como era
Eras um símbolo Histórico a preservar
E um património desta terra.

Aquela Avenida larga e alegre
Que perto de ti passou
Foi o começo do fim da vida
Que a tua sorte ditou.

Foram as máquinas, e foi o homem
E foram as mãos criminosas, a faltar à
verdade
Foi a tua destruição total
Que te levaram à eternidade.

Amigo da minha infância
Que sempre te desejei o bem
Não me esqueço, nem me passa da memória
Tantas vezes que contigo falei.

Naquela viela estreita e escura
Quando eu passava, me fazias companhia
Eu ao ver-te, pacato e altaneiro
Eu para ti, só me sorria.

Quem não se lembra:
Da tua arquitectura e lindo desenho
Foi desenhado e construído com gosto
Esta relíquia já desaparecida
Este lindo, e velhinho Engenho.

Manuel Romão

Anexo 7



ⁱ Sobre esta matéria podemos ler,

ⁱⁱ Balibrea (2003) faz menção a es

ⁱⁱⁱ Na base dos protestos encontra-se uma linguagem evocativa das últimas vítimas da

recolocada, num local praticamente invisível.

^{iv} Excerto de “Mais um ex-libris que desaparece”, Defesa da Beira de 1 de Abril de 2005 – Anexo 1

^v Excerto de “Anomalias a reparar”, Defesa da Beira de 9 de Dezembro de 2005 – Anexo 2

^{vi} Excerto de “Adeus meu velhinho Engenho”, Defesa da Beira de 20 de Maio de 2005 – Anexo 3

^{vii} Excerto de “O amor e o Engenho”, n.º 1, A voz do Seven, em 12 de Novembro de 2005

^{viii} Excerto de “Acreditam na verdade”, Defesa da Beira de 23 de Dezembro de 2005. – Anexo 4

^{ix} Excerto de “Ao correr da esferográfica”, Defesa da Beira de 6 de Janeiro de 2006 – Anexo 5

^x Excerto de “os meus sonhos e a desilusão”, Defesa da Beira de 18 de Janeiro de 2008 – Anexo 6

^{xi} Excerto de “É bom ter esperança na ressurreição”, Defesa da Beira de 4 de Abril de 2008 – Anexo 7

^{xii} Excertos de “Descubra as diferenças”, Defesa da Beira de 14 de Março de 2008 – Anexo 8

^{xiii} Atrevo-me a chamar-lhe assim dada a sua natureza estética e pelo facto de as suas últimas funções já nada terem que ver com o nome que, ainda hoje, lhe é atribuído.

um condomínio de luxo. A placa do monumento cívico, foi estrategicamente